

SIMPÓSIO SÔBRE "FUNDAMENTOS PARA  
UTILIZAÇÃO DO BCG NA PROFILAXIA  
DA LEPROA"

SOB OS AUSPÍCIOS  
DA  
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LEPROLOGIA

(27 a 29 de Setembro de 1957)

RIO DE JANEIRO

## SESSÃO DE ABERTURA

### **DISCURSO DO DR. JOÃO BATISTA RISI, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LEPROLOGIA**

Tenho a subida honra de declarar abertos os trabalhos do simpósio, promovido pela Associação Brasileira de Leprologia, para debater o tema: "Fundamentos para a aplicação do BCG na profilaxia da lepra."

\*  
\* \*

Sem outro intuito, posso asseverar ser difícil exprimir, na tôda sua plenitude, a imensa satisfação que experimentamos, ao ver inaugurados os trabalhos dêste simpósio. É o segundo promovido pela nossa Associação, que já vai dando de si provas de maior vitalidade. Afianço que êste se anima no êxito alcançado pelo primeiro, tão bem conduzido pela diretoria antecessora, sob a presidência do Prof. Ramos e Silva e secretariado pelo nosso atual secretário dr. Joir Fonte.

Está na lembrança de todos os que dêle participaram, o quanto êle serviu para fazer a revisão da matéria tratada, que foi eritema nodoso na lepra. O tema agora posto em pauta, trazido pela sugestão do Prof. Rabelo, é destes que vêm polarizando a atenção de pesquisadores nacionais e estrangeiros. Encerra a importância que muito bem justifica êste encontro de leprólogos e de não leprólogos, que tão generosamente acolheram o convite que lhes foi dirigido para participarem dêste debate, dando assim uma demonstração evidente do alto apreço que devotam h matéria módica.

Tal a sua significação que esta diretoria julgou por bem situar o debate em um plano todo especial, programando-o em duas etapas distintas: a primeira, de base doutrinária e a segunda de conclusões práticas, conforme está mencionado no preâmbulo do regulamento que foi distribuído a todos os participantes. Não tenho a menor dúvida de que êste acontecimento ficará assinalado nos anais da nossa Associação. Sim, porque, sem receio de laborar em equivoco, admito que, pela primeira vez, uma entidade científica especializada empreende uma planificação de trabalho nestes moldes, e num assomo de edificante paixão pela verdade e ao mesmo tempo de auto-crítica, abre as suas portas, atraindo para seu círculo nomes ilustres da medicina, estranhos ao seu quadro técnico e a outras entidades especializadas, a fim de que viessem analisar, em comum, um assunto julgado ser da mais alta transcendência médico-sanitária.

Foram todos convidados para trazerem as luzes dos seus conhecimentos, a experiência de grupos de pesquisadores e de estudiosos, situados em outro ângulo visual do problema, de sorte a que ele pudesse ser visto nas suas facetas todas. Foram todos convidados para concederem sua colaboração nos respectivos setores, de modo a possibilitar um campo mais amplo de observação e, conseqüentemente, mais fecundo.

Se tais motivos não bastassem para nos proporcionar êste sentimento de satisfação, eu acrescentaria um outro muito importante. Qual este conteúdo tão estranho? Poderão inquirir-nos. Que de mais contém que possa conceder-nos, a par do interesse científico, um agrado todo especial?

Fácilmente se compreende... Retrocedamos o nosso pensamento a algumas décadas. Confrontemos os objetivos de hoje com os de ontem que motivaram as assembleias de leprólogos, particularmente no que tange à matéria de profilaxia. Sentiremos, então, a sensação aguda, da evolução operada. Evolução que, podemos dizer, mudou os rumos das atenções sanitárias, desviando-as das preocupações antes confinadas a profilaxia da exposição. Profilaxia na sua etapa rudimentar e que gravitava em torno do diagnóstico, da vigilância de focos e, enfaticamente, da segregação. A trajetória nos nossos dias se dirige para a conquista de um método de ação mais científico, mais consoante com os



ditames da higiene moderna, na sua aceção eminentemente preventiva, dotado de um sentido mais lógico, mais natural e, sobretudo, mais humano. A conquista de um recurso que nos conduza a um destino desta natureza nos oferece o índice máximo do progresso a que pode alcançar o trabalho sanitário.

É confortador, portanto, ver-se que a leprologia vai esboçando novos cenários de ação, de perspectivas mais luminosas. Ver-se que as atenções já se libertam daquele magnetismo exercido pelas idéias que se achavam sempre arrimadas numa legislação severa. E a legislação severa retratava, apenas, indistigável indigência de recursos técnicos melhores.

Dá-nos, portanto, muito agrado o debate de um tema desta natureza, sejam quais forem as conclusões a que seremos conduzidos; porque, na pior das hipóteses, ainda sobrá o aneio de evoluir. A satisfação que isto nos proporciona talvez possamos assemelhar a que nos inspiraram as primeiras discussões em torno da moderna conceituação das formas clínicas da lepra e que culminaram na cristalização de um sistema de classificação, de efeito incisivo sobre os novos rumos da leprologia. Apoiada em critérios diversos que se completam, inclusive o imunológico que realço, aqui, a vista do assunto que nos congrega, permitiu maior clarividência na diferenciação dos casos e a compreensão da sua distri-

buição segundo a índole natural da ocorrência dos processos patológicos de origem infecciosa.

Resultou daí melhor ajuste da infecção leprótica nos cânones da patologia infecciosa, em os quais ela se não acomodava muito bem, porque as noções anteriores consideravam-na qualquer coisa "sui generis", algo inconciliável com o que de mais comum registrava a pura observação acêrca das enfermidades infecciosas.

No panorama geral das infecções é sempre possível distinguir um traço comum, quer da parte dos agressores que são suscetíveis de apresentar constituintes químicos da mesma natureza, quer da parte do hospedeiro que reage obediente a um mecanismo fisiopatológico geral.

É intuitivo, portanto, que a leprologia vá buscar em outros campos da patologia infecciosa elemento de correlação, e as observações efetuadas por observadores, dignos de maior acatamento, estão a registrar alguma coisa promissora.

Há necessidade, todavia, — e aqui se assenta a razão deste simpósio, de se fazer um balanço das observações feitas, a fim de evitar que o fascínio de uma idéia venha despertar conclusões não bem ajustáveis à verdade que todos nós ansiamos; ou venha decapitar um juízo inicial legítimo, interceptando assim, por completo, o seu merecido encaminhamento.

Impõe-se a conveniência de se fazer o confronto dos dados que conduziram grupos de pesquisadores às mesmas conclusões e outros a argumentos diferentes. Reconhecemos todos, sem dúvida, a importância de se apreciar o justo alcance dos efeitos da calmetização, a sua capacidade de despertar, ou de estimular, efeitos defensivos de utilidade profilática. É possível que estejamos diante de um recurso verdadeiramente revolucionário, à vista dos profundos reflexos que poderia exercer sobre a técnica profilática, e que, por isto mesmo, é preciso ser definido nas suas proporções teclas.

De fato, provada a sua validade, consequência da mais alta importância resultará. Todo o complexo esquema profilático, atualmente em vigor, sofrerá ruidoso abalo. Receberá, talvez, o veredito inexorável da revogação. E, em seu lugar, instalar-se-á, alvissareiramente, a singela medida da calmetização das massas, apagando-se, por definitivo, os rumorosos cuidados que sempre cercaram os casos contagiantes.

Isto pôsto, é plenamente justificável o máximo empenho em se equacionar este problema, da maneira mais exata, através, inclusive, da realização de trabalho da maior profundidade. Outro não é o objetivo deste programa de estudo. Nele se apoiam as nossas esperanças, pois seguros estamos de que os trabalhos se desenvolverão com o maior entusiasmo, com amor à verdade, com a serenidade indispensável ao feliz encadeamento do raciocínio, e, sobretudo, com rigor especulativo. Entendemos que se não defende melhor uma doutrina científica sendo exigindo-lhe o máximo de demonstração, visto que a verdade científica se assenta, se erige sobre o lastro da mais severa autocrítica.

Êste foi o roteiro que conduziu a ciência às suas melhores conquistas. Sigâmo-lo como o fizeram aquêles que mais se consagraram na perseguição da verdade científica. E o façamos não só com o pensamento no legado que devemos transmitir As gerações que nos sucederão, mas também em homenagem à memória daqueles de quem nos resta apenas uma saudade, e que sonharam, como nós, de ver a leprologia situada no seu ponto mais positivo.

O programa traçado pela Associação Brasileira de Leprologia deverá desenvolver-se, conforme o disse, em dois lances bem distintos: êste em que nos encontramos, de teorização e de planificação; o futuro, no próximo ano, de avaliação e de conclusões. Entre êstes dois lances teremos um período de trabalho, na execução de um plano inspirado por uma comissão previamente designada para êste fim.

Como se vê, ele obedece à norma completa de um trabalho científico no seu duplo aspecto: teórico e experimental. Está fiel, em princípio, à concei-

tuação de Thomson, quando dizia: "A ciência marcha sobre dois pés: teoria e experimento. Ora avança um deles primeiro, ora o outro, mas o progresso contínuo só é possível com o emprêgo de ambos".

Empenhando-nos nesta tarefa, o fazemos na segurança de estarmos conduzindo a Associação Brasileira de Leprologia ao seu verdadeiro destino, porque, entendemos, uma Associação científica existe como propulsora de idéias, inspiradora de iniciativa de utilidade coletiva, como patriótica colaboradora da administração pública no seu afã de atender ao interesse social.

Não é outro o objetivo deste simpósio. Praza a Deus possamos cumprir integralmente o programa exposto. Há, todavia, esperanças de que isto aconteça, pois temos motivos sobejos para acreditarmos no entusiasmo dos que se empenham nestes estudos, e de crermos no trabalho produtivo dos que têm consciência da sua missão.

Considero assim abertos os trabalhos".

— Antes de entrarmos no debate do primeiro tema: "Fundamentos doutrinários das correlações biológicas da lepra e tuberculose", que tem por relatores o prof. Francisco E. Rabello e o dr. Abraão Rotberg, concedo a palavra ao nosso secretário, a fim de dar conhecimento das demarches iniciais e subsequentes, empreendidas para a organização deste simpósio. Peço, também, que proceda à leitura dos dispositivos do regulamento que disciplinam os trabalhos. Conquanto todos já tenham recebido o regulamento deste simpósio, e, teoricamente, admitimos que todos estão perfeitamente a par do que êle contém, julgamos, entretanto, conveniente fazer a recapitulação para que êle possa ser fielmente observado. Não há outro interesse senão evitar dispersão de esforços e de conduzir os trabalhos dentro do ritmo da maior produtividade. Por isto mesmo a diretoria da ABL se afastou de certas normas protocolares, como seja a da rotatividade da direção dos trabalhos. Esta rotatividade far-se-á, eventualmente, entre os membros da diretoria — 1.º e 2.º vice-presidentes.

Pensamos assim e assim entendemos estar propiciando aos nossos ilustres participantes um ambiente em que possam colocar-se à vontade, e terem atuação mais desembaraçada.

### DISCURSO DO PROF. MARCELO SILVA JUNIOR

Minhas senhoras, meus senhores.

Quero apenas, em ligeiras palavras, nesta hora melancólica da saúde pública, imersa em grande penumbra, salientar que há um movimento no campo da leprologia, que o sociólogo um dia fixará: uma equipe selecionada, de grandes valores, da sadia escola de Ernani Agrícola projeta um trabalho através da Associação Brasileira de Leprologia, o qual só pode dar os melhores frutos, porque nêle se obedeceu ao espírito filosófico do trabalho científico, vai ser guiado pelos dois olhos de que falava Oswaldo Cruz no ambiente sanitário — a estatística e o laboratório para uma consulta de profundidade aos especialistas. Essa mesma escola, tornada autônoma, lançou no Congresso Nacional de Higiene realizado em Belo Horizonte, em 1952, uma doutrina nova em profilaxia da lepra, doutrina que não tem sido geralmente bem entendida, porquanto, ela propõe a substituição do sistema fechado do isolamento compulsória, pelo de campanha ou luta em campo aberto como em outras doenças, mas não tem a leviandade de pleitear a total abolição do isolamento, o que ninguém faria conscientemente, visto como a lepra é uma doença de segura, conhecida transmissibilidade. Bateu-se e se bate pelo isolamento, acredito, chamado seletivo, isolamento da fonte aberta que tenha *entourage* anérgica, sensível, ou suscetível. Mas como diagnosticar, como testar a suscetibilidade dessa *entourage*? Pelo Mitsuda. E que é o método de Mitsuda nos seus fundamentos profundos: pode

ele expressar realmente uma resistência? Essa pergunta é uma das muitas lançadas ao espírito culto e inteligente de tão seletto auditório. Como fazer a viragem artificialmente com o BCG e até quanto isto é verdade? — pergunta, ainda a Associação Brasileira de Leprologia à experiência e à cultura dos técnicos que aqui se reúnem. O que impressiona nêsse plano de trabalho é o regulamento que o preside, vasado em têrmos que não deixam margem à vassalagem de ordem pessoal ou política: trata-se de uma sondagem seria, austera, em busca da verdade científica. As suas conclusões finais irão nortear, certamente, no campo da profilaxia, as medidas a serem tomadas. Assim, eu me congratulo com a Associação Brasileira de Leprologia pela excelência, pela pureza, pela firmeza com que delineou o seu plano de trabalho. É o que tinha a dizer.